



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**OS ESTÁGIOS CURRICULARES NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES:  
HISTÓRIAS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE**

**Fabício Monte Freitas**<sup>1</sup>

**João Alberto da Silva**<sup>2</sup>

**Ricardo Rios Oliveira**<sup>3</sup>

## **RESUMO**

Os estágios curriculares dos cursos de formação de professores tornaram-se espaços de construção dos chamados saberes de experiência. Atualmente, muitos dos ingressantes de licenciatura nunca exerceram atividades de docência. Investigamos o impacto da experiência do estágio na construção da identidade docente e dos chamados saberes de experiência. Nossa metodologia foi baseada na História de Vida. Os dados encontrados apontam para processos de construção identitários que se alicerçam em medos e frustrações frente à prática de sala de aula. Consideramos que o estudo fornece importantes indicadores para os professores universitários que se ocupam da formação de licenciados.

**Palavras-chave:** Estágio, Formação de professores, Pedagogia universitária.

*THE INTERNSHIPS IN THE FORMATION OF TEACHERS: STORIES OF LIFE AND  
BUILDING TEACHER IDENTITY*

## **ABSTRACT**

Internships of courses for teachers have become spaces for building so-called knowledge from experience. Currently, many of the freshmen in the graduate programs have never exercised teaching activities. Investigated the impact of placement experience in the construction of teacher identity and so-called knowledge from experience. Our methodological approach was based on the stories life. The data found indicate identity construction processes which are based on fears and frustrations facing the practice of the classroom. We believe that the study provides important pointers for academics dealing with teacher training.

**Key words:** Stage, Teacher education, University pedagogy

---

<sup>1</sup> Licenciado em Matemática (UCPel) e aluno do curso de Especialização em Educação: ênfase no ensino de Ciências e Matemática (UFPel).

<sup>2</sup> Pedagogo, Doutor em Educação pela UFRGS. Integrante do NEEGE (Núcleo de Estudos em Epistemologia Genética e Educação).

<sup>3</sup> Licenciado em Matemática (UCPel) e aluno do curso de Especialização em Educação: ênfase no ensino de Ciências e Matemática (UFPel).



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**OS ESTÁGIOS CURRICULARES NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES:  
HISTÓRIAS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE**

*LAS PRÁCTICAS EN LA FORMACIÓN DE PROFESORES: HISTORIAS DE LA VIDA Y LA  
CREACIÓN DE LA IDENTIDAD DE PROFESOR*

**RESUMEN**

Las etapas de los cursos para los profesores se han convertido en espacios para la construcción de conocimiento llamada de la experiencia. En la actualidad, muchos de los estudiantes de primer año en los programas de pregrado nunca han ejercido la actividad docente. Investigan el impacto de la experiencia de la práctica de la construcción de la identidad docente y los llamados conocimientos de la experiencia. Nuestro enfoque metodológico se basó en el Historia de la Vida. Los datos encontrados indican los procesos de construcción identitaria que se basan en temores y frustraciones que enfrenta la práctica del aula. Creemos que el estudio ofrece indicaciones importantes para los académicos se ocupan de la formación del profesorado. **Palabras claves:** Etapa, Formación del profesorado, Pedagogía de la Universidad.

**1. INTRODUÇÃO**

Diversos autores têm investigado a constituição dos saberes docentes (CUNHA, 2006; TARDIF, 2002; PERRENOUD, 2000). De maneira geral, todos concordam que a professoralidade se estabelece através de múltiplas fontes, que extrapolam as aprendizagens teóricas realizadas durante os cursos de formação. Tardif (2002) e Cunha (2006) nos falam de um saber de experiência, isto é, de um conjunto de aprendizagens que surgem da própria ação do docente na sala de aula.

Segundo Lima (2001, p. 47), “a prática sempre esteve presente na formação do professor”, seja pela observação, imitação de bons modelos ou participação em contextos escolares. A profissão-professor é, também, um acúmulo de saberes das experiências dos anos em que se foi aluno, pois desde as primeiras séries temos a noção da presença e ação do professor em sala. Quando estudantes, analisamos atitudes, métodos, práticas, e mesmo que inconscientemente, aprendemos os diferentes estilos metodológicos aos quais estamos submetidos.

Um fato recorrente se sucede quando os estudantes conseguem perceber a ação do professor. Quando ficam em grupos, muitas vezes, discutem as diferenças observadas entre a aula de um professor para a de outro. Avaliam o que é bom e o que é ruim. Naquele momento estão criando um perfil de professor que lhes parece mais agradável e eficiente para, baseados nisso, formar o perfil do professor que gostariam de ser.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**OS ESTÁGIOS CURRICULARES NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES:  
HISTÓRIAS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE**

No caso do Brasil, há cerca de 20 ou 30 anos, os professores que procuravam cursos de nível superior eram leigos ou já formados em cursos de magistério de nível médio, isto é, já tinham experiências práticas ao chegarem à universidade. Diferentemente, na contemporaneidade, a docência tem assumido um caráter mais técnico e sendo uma opção de jovens que nunca trabalharam antes em sala de aula. Esse tipo de sujeito tem mostrado um novo perfil de aluno que chega às licenciaturas: o que procura se qualificar para entrar na escola.

Para estes futuros professores, o estágio constitui-se como o primeiro momento de exercício da função docente. Ele torna-se um momento ímpar de aprendizagens e de constituição dos saberes de experiência, já que não havia esses conhecimentos prévios.

No mesmo sentido, encontramos muitos estudos a respeito das práticas de ensino e estágios curriculares (FREIRE, 2001; LIMA, 2001; PERRENOUD, 2000). Na maior parte dos casos, os estudos são realizados *sobre* a formação dos professores e não *para* a formação de professores. Optamos por direcionar nossa pesquisa no sentido de contribuir, de fato, com a qualificação dos estágios docentes. Para isso, não podíamos abordar o objeto de investigação sob o olhar do pesquisador acadêmico, no qual tem mais conhecimento do que o professor em formação. Em nossa pesquisa procuramos nos apropriar dos saberes de experiência dos estagiários a fim de dar voz e vez em um texto acadêmico compartilhado.

Estabelecemos relação de parceria na escrita com professores incipientes da área de matemática a fim de que relatassem suas experiências de estágio e as marcas oriundas deste momento de formação prática. Consideramos estes relatos de experiência importantes instrumentos de reflexão para os formadores de professores. Eles demonstram os movimentos subjetivos dos estagiários, as emoções envolvidas, tudo que é identificado como carência do curso de formação, as dificuldades interpostas pela ação prática e os êxitos obtidos.

## **2. AS HISTÓRIAS DE VIDA COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA**

O método de pesquisa chamado de *História de Vida* ou *Narrativas de Vida* tem sido muito utilizado atualmente. Ele se desenrola de maneira que os próprios participantes da pesquisa elaboram suas trajetórias para que possam ser analisadas pelo pesquisador.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**OS ESTÁGIOS CURRICULARES NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES:  
HISTÓRIAS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE**

Encontramos em Pineau (2006) a informação de que existem três períodos nos quais podemos dizer que se destacam esta prática metodológica: (1) anos 80, nos quais houve um período de surgimento dos estudos baseados em histórias de vida; (2) anos 90 com um número mais expressivo de trabalhos relacionados a esta área tornou-se inevitável o surgimento de fundações e associações, nas quais eram discutidas de forma mais acentuada como definir, catalisar e provocar uma junção dos elementos que cresciam regional, nacional e internacionalmente. (3) anos 2000 tivemos o primeiro diploma universitário com história de vida e as primeiras revistas especializadas neste assunto.

Para este estudo pensamos em uma abordagem que construísse um vínculo de parceria entre pesquisadores e sujeitos pesquisados, isto é, não podemos definir muito corretamente quem é autor/pesquisador e quem é sujeito/pesquisado. Nossa proposta se dá em função da acolhida a professores de matemática que não tiveram experiências anteriores em sala de aula e estabeleceram seu primeiro contato com o mundo escolar através dos estágios curriculares. Gostaríamos de apreender seus saberes de experiência e as marcas subjetivas que foram construídas durante os estágios. (JOSSO, 1999; PINEAU, 2006; SPINDOLA & SANTOS, 2003).

Durante a coleta dos depoimentos, os professores-autores haviam concluído a cerca de um ano o seu curso de licenciatura em matemática, sem ainda estarem inseridos no mundo da educação. O estágio configura-se como o maior momento de exercício da docência. Dada a importância que esse momento assume na constituição da identidade desses professores de matemática, entendemos que a melhor maneira para abordá-los seria acolher este saber de experiência como uma singularidade e um conhecimento válido e importante.

Evidentemente, muitos aspectos relevantes para um pesquisador/leitor não são abordados. Havendo uma ausência que nos ensina algo que permanece após a experiência do estágio. Caso o leitor sinta a falta de um comentário, aquilo que está ausente assim o é em função de não ter se constituído, no caso dos sujeitos em evidencia, como um fato que merecesse um retorno em suas memórias.

Na perspectiva da acolhida aos sujeitos entrevistados, os textos que seguem foram escritos pelos próprios. Após a primeira escrita, os mesmos foram discutidos em conjunto e aprofundados,



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**OS ESTÁGIOS CURRICULARES NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES:  
HISTÓRIAS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE**

organizados e reapresentados. A proposta é que este trabalho de reflexão constitua-se também como um instante de autoformação e de constituição de uma postura de um professor investigador e reflexivo sobre a sua própria prática (SILVA, 2007).

### **3. CONTEXTO DE REALIZAÇÃO DOS ESTÁGIOS**

A formação dos participantes da pesquisa ocorreu em um curso de Licenciatura em Matemática, de uma universidade privada, com duração de 4 anos, composto por 8 semestres. Durante o curso, nos primeiros 4 semestres, estudaram disciplinas quase exclusivamente de cunho didático, psicopedagógico e conteúdo de matemática aplicada no ensino fundamental e ensino médio.

A outra metade do curso foi distribuída entre disciplinas mais aprofundadas, com nível de complexidade maior, que envolviam cálculo e álgebra, mescladas com disciplinas de metodologia e laboratório. A partir do 5º semestre começam os estágios. Os primeiros são uma espécie de prática de ensino ainda dentro da universidade. As práticas utilizadas são diversas, tais como mini-aulas e um seminário criado juntamente com os professores do curso e oferecidos para outros alunos do curso ou de outras instituições.

A partir do 7º semestre, os estágios são aplicados em escolas vinculadas ou parceiras da universidade. Essas instituições sedem espaço para os estagiários de diferentes cursos. A apresentação é feita através de uma carta com pedido de vaga para o estagiário.

### **4. PRIMEIRO RELATO DE EXPERIÊNCIA: UM PROFESSOR DE MATEMÁTICA NAVEGANDO PELO CAMPO DAS INCERTEZAS**

Meu relato de experiência aborda tópicos importantes relacionado com a vivência obtida por ocasião de estágio desenvolvido no decorrer do curso. Foram questionados estudantes dos cursos de graduação, mais especificamente, da área das licenciaturas, sobre práticas e incertezas surgidas enquanto estavam na academia. Sendo de grande importância, tornando os últimos semestres do curso, o momento mais decisivo para futuros professores.

Será abordado como ficamos impotentes no período da graduação das necessidades de melhorias no ensino, quais as carências que aparecem durante os estágios supervisionados e os



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**OS ESTÁGIOS CURRICULARES NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES:  
HISTÓRIAS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE**

primeiros momentos vividos em sala de aula. Espero que ao relatar um pouco das experiências vividas, possa ajudá-los a sanar algumas dúvidas que temos enquanto alunos do curso de graduação.

Fiz dois estágios, sendo o primeiro em uma turma de ensino fundamental e o segundo em uma turma no ensino médio. O procedimento básico para dar início ao estágio supervisionado era, primeiramente, estar cursando o sétimo semestre do curso e, no começo deste estar frequentando uma disciplina que trata dos estágios. Havia ainda um horário de atendimento com a professora supervisora, para tirar dúvidas e apresentar os planos de aula, entre outras atividades, que por ventura estaríamos desenvolvendo no estágio.

O estágio feito no ensino fundamental ocorreu em uma turma de 8ª série de uma pequena escola, localizada na região central da cidade de Pelotas. Havia dificuldades de organizar os alunos, por causa do tamanho da sala. A Escola possuía uma biblioteca de pouca extensão e não oferecia instalações para prática do esporte, que era realizado em outro local, locado pela escola.

A turma tinha 26 alunos com idade entre 13 a 16 anos, praticamente todos moravam próximo. O nível social era equivalente e o despenho geral era considerado normal, o que os tornava uma turma homogênea.

O início desse estágio foi um misto de sensações, pois ali seria a primeira vez que eu entraria numa sala de aula como professor da disciplina de matemática. Senti-me estranho nos primeiros dias. Tive que me acostumar com aquela nova versão do aluno-professor, pois eu era estagiário em fase de formação, formando alunos.

A professora titular foi muito acolhedora e receptiva, me deixando à vontade para trabalhar com a turma. Ela me passou algumas informações, tais como o conteúdo que iria trabalhar e as formas como ela costuma obter o rendimento dos alunos. Disse que eu poderia propor outras formas de avaliar, sendo que a escola exigia ao menos dois instrumentos de quantificação. Caberia a mim escolher qual delas utilizar, podendo ser trabalho, prova escrita ou pelo comportamento.

A escola me deu suporte, deixando-me livre para tomar decisões sobre o comportamento adequado em relação aos alunos mais inquietos. Isto me deixou bastante seguro. A coordenadora pedagógica colocou-me a par das condições de trabalho da escola, entregando-me uma folha com



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**OS ESTÁGIOS CURRICULARES NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES:  
HISTÓRIAS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE**

algumas regras voltadas para os alunos, tais como: a proibição em sala de aula do uso de celular, boné, mp3, entre outros.

Tive um bom rendimento quanto a minha atuação como professor à frente da turma. O conteúdo trabalhado – sistema de medidas, transformações, áreas e afins – era relativamente tranquilo, sobre o meu ponto de vista, mas para eles transformava-se num problema.

Os alunos apresentavam grande dificuldade de interpretação e um pouco de preguiça para ler os enunciados proposto pelos problemas. Isto foi constatado, quando eu ia à classe de cada um para tirar dúvidas. Em alguns momentos parecia que eu estava falando outra língua. Procurei usar exemplos práticos; trabalhei com exercícios relacionados com o nosso dia-a-dia; levei figuras geométricas para que eles tivessem melhor compreensão do que era pedido; usei jogos e desafios relacionados ao conteúdo desenvolvido. Enfim, percebi que eles tinham dificuldades passadas, e como a professora titular já havia feito uma sondagem sobre o ano anterior, não me ocupei em questionar os conhecimentos prévios deles.

Realizei duas provas e o índice de reprovação mostrou-se elevado em ambas as avaliações. Foi um momento horrível pra mim, pois a reprovação deles confirmava minhas expectativas de que eles realmente não estavam compreendendo o que havia ensinado. Senti-me impotente ao ver os resultados. Conversei com a professora titular, expliquei a situação e o que eu vinha desenvolvendo na minha prática. Ela me tranquilizou dizendo que o que eu estava fazendo não estava errado. Resolvemos, então, realizar um trabalho em grupo para que os alunos pudessem trocar informações e com a ajuda mútua melhorassem seus desempenhos.

Desde o começo, adotei um sistema de avaliação que havia visto pela primeira vez quando fui aluno do 3º ano do 2º grau – pelo caderno completo. Nessa experiência que vivi como aluno a professora, ao final de cada bimestre, atribuía um ponto na média para aqueles que tivessem o caderno completo. Achei interessante fazer o mesmo, pois lembro que funcionou bem. Nunca obtive meu caderno tão completo e notas tão boas quanto às obtidas com essa professora.

O segundo estágio foi em uma escola bem maior, com infra-estrutura respeitável. Mas nesse caso a relação com direção e coordenação era mais difícil, pois em uma escola de grande porte eu não conseguiria ter a mesma proximidade, como anteriormente. Tive contato apenas com a



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**OS ESTÁGIOS CURRICULARES NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES:  
HISTÓRIAS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE**

professora titular, a qual me forneceu todas as coordenadas sobre a turma, os procedimentos, as avaliações, o livro que ela vinha trabalhando, o conteúdo curricular, etc.

A turma era de 23 alunos, com idades entre 16 e 19 anos. Havia uma divisão em três níveis de comportamento: os quietos com mais dificuldade; os quietos mais atinados, que estudavam mais e em grupo; e os inquietos, mas que surpreenderam, pois tiveram bons desempenhos em suas avaliações, provando que nem sempre os que agitam são os mais dispersos.

Nesse estágio tive desafios maiores, pois trabalhei um conteúdo no qual possuía dificuldade, pelo fato de não ter aprendido corretamente na faculdade. Pude, então, perceber a carência do meu ensino, da minha preparação.

Entre os estágios que desenvolvi, destaco dois fatos importantes: no primeiro, o trabalho foi realizado com turmas do ensino fundamental e os conteúdos eram menos difíceis; no segundo, com alunos de ensino médio, o conteúdo constituía-se mais complexo. Existia a necessidade de maiores informações, todavia, na faculdade tive, logo no início do curso, uma única cadeira que trabalhou de forma específica o conteúdo de ensino fundamental, outras indiretamente trataram destes assuntos. Diferentemente, tive em torno de seis cadeiras com estudos direcionados para o ensino médio.

A função da supervisora de estágio, no meu ponto de vista, limitou-se a ser estritamente avaliadora. Ela tinha um roteiro pronto para nós estagiários, tínhamos que ter os planos de aula impecáveis e deveríamos aplicar o lúdico. Constituiu-se uma supervisão autoritária, unidirecional e a preocupação maior da supervisora era se eu tinha meus planos de aulas todos feitos e de forma correta.

Presentia que a preocupação dela era apenas em avaliar mais a parte estrutural dos planos de aula que propriamente meus métodos de ensino. O lúdico é importante, mas não tivemos lúdico com aplicabilidade para ensino médio, a não ser aqueles mesmos joguinhos aplicados para ensino fundamental. Claro que não poderia realizar o mesmo trabalho com a turma de fundamental e com a turma de médio, tanto é que não o fiz, e fui cobrado por isso, por não ter feito jogos ou outro trabalho, fora a cobrança por uma avaliação tradicional.

Pergunto-me, para que serve realmente o estágio? Apenas desenvolver conteúdos pré-definidos e avaliar? Para saber como fazer um plano de aula? Apesar de não ter tido problema com o



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**OS ESTÁGIOS CURRICULARES NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES:  
HISTÓRIAS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE**

desempenho das turmas, que de passagem foi muito boa, eu particularmente me senti limitado ao conteúdo aplicado. Não me sentia seguro para desenvolvê-lo. Digo ainda, que no conteúdo trabalhado com a turma do 3º ano fui aprendendo durante meu estágio com eles, pois confesso não ter aprendido dentro da faculdade.

Concluindo minhas experiências, posso dizer que foram todas válidas. Aprendi que nunca estamos preparados, e percebi que meus professores também não estavam preparados para me ensinar. Além disso, vi que temos uma necessidade muito grande de buscar inovar, contextualizar, pré-avaliar os alunos, para então trabalhar melhor o conteúdo.

## **5. SEGUNDO RELATO DE EXPERIÊNCIA: UM PROFESSOR EM BUSCA DA IDENTIDADE**

O presente texto tem por finalidade a descrição das experiências vividas por mim durante o estágio obrigatório supervisionado, em uma turma de ensino médio.

O estágio foi realizado na cidade de Pelotas, no turno da manhã, em uma turma de segundo semestre de uma escola técnica com Ensino Médio integrado. A turma era composta por 34 alunos, sendo que destes, 10 alunos estavam cursando na modalidade de dependência, por terem reprovado no semestre anterior.

A escola possui uma estrutura física de grande porte, com uma biblioteca ampla, acervo de livros respeitável e espaço para estudo. Além de um ginásio poliesportivo coberto, duas quadras poliesportivas descobertas, uma quadra de futebol de sete e pista de atletismo, algumas salas ambientes com computadores para os alunos, um elevador para portadores de necessidade especiais, uma gráfica, etc.

Este ambiente escolar apresentava ainda diversas atividades extra classe como grupo de xadrez, centro de tradições gaúchas, equipes para competições esportivas, grupo de teatro, etc.

A sala de aula onde o estágio foi realizado tinha um tamanho muito bom para o número de alunos. Possuía várias cadeiras e mesas, dois quadros verdes já quadriculados, um palanque, um projetor de mídia, um computador, um aparelho de DVD e um aparelho de som. Tudo se apresentava em pleno funcionamento e ótimo estado de conservação.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**OS ESTÁGIOS CURRICULARES NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES:  
HISTÓRIAS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE**

O nível social dos alunos da turma era bastante heterogêneo. Percebi que alguns possuíam melhores condições econômicas que outros. Além disso, acredito que nenhum deles trabalhava.

O nível de conhecimento dos alunos era, em sua maioria, bastante elevado, pois para ingressarem nesta escola passavam por um processo seletivo, fazendo com que haja uma forma de triagem dos estudantes ingressantes. A faixa etária destes estudantes mostrava-se bastante homogênea, todos os alunos possuíam idade entre 15 e 17 anos. O que facilitava o entendimento e o relacionamento entre professor-aluno.

Como a turma estava em uma idade na qual os hormônios estão aflorando, em alguns momentos aconteciam situações nas quais necessitava agir com pulso mais firme. O relacionamento dos alunos comigo nem sempre foi muito respeitoso, em alguns momentos necessitei impor limites, mas com um clima de amizade e companheirismo as coisas foram se consolidando. Por fim os alunos foram percebendo que nem sempre as coisas poderiam ser como eles gostariam, da mesma maneira que a vida vai se apresentar para eles, tanto no campo profissional como pessoal.

Entre os próprios alunos a relação também se mostrou bem amigável, sem nenhum problema aparente. Porém, no conselho de classe alguns professores relataram que a turma era competitiva e que, em alguns momentos, fora desrespeitosa entre os próprios, o que poderia acarretar em problemas futuros.

O relacionamento dos alunos com a escola é de muito respeito. Procuram cumprir as regras da escola, respeitam os funcionários, pessoal administrativo, etc. Sempre que necessitam, os alunos possuem um setor que os orienta, tanto psicologicamente como profissionalmente, além do setor de Orientação Educacional.

Como havia realizado outro estágio obrigatório, já sabia, ou pelo menos imaginava como deveria portar-me diante da turma e dos problemas que poderiam ser encontrados durante a realização do estágio no Ensino Médio.

O tempo disponível para desenvolver os conceitos foi suficiente para a realização do trabalho. Não houve paralisações e nem feriados que fizessem com que fosse necessário correr com o conteúdo. Os conteúdos, bem como o tempo para o desenvolvimento de cada item, haviam sido



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**OS ESTÁGIOS CURRICULARES NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES:  
HISTÓRIAS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE**

programados pela professora titular no semestre anterior. Ela me passou este cronograma e procurei segui-lo.

A Escola adotava apostila própria para desenvolvimento dos conteúdos e conceitos. Ela dispunha de um setor de apoio aos alunos que, comprovadamente, não possuíam condições financeiras de comprar o material necessário. Além disto, havia a oferta de bolsas de trabalho, nas quais os alunos tinham a possibilidade de colocar em prática os conceitos teóricos que aprendiam em sala de aula, recebendo um salário para auxiliar nos gastos com os estudos.

Notei que alguns alunos não tinham o interesse necessário para aprender, além de não possuírem muito respeito. O que piorava a situação dos mesmos, era que eles estavam em um curso de nível técnico, ou seja, tratava-se de uma escolha profissional.

Não encontrei dificuldades em relação à escola e nem com outros professores da instituição. Sempre foram atenciosos e solidários nos momentos em que solicitei. No entanto apenas com determinados alunos que não aceitavam os limites que colocava. sentiam-se prejudicados, mas sempre coloquei os limites segundo as regras da escola, mantendo sempre o respeito com os alunos.

Observei que os alunos que mostravam interesse nas aulas obtiveram um excelente rendimento, porém aqueles alunos que não mostravam o interesse necessário, não conseguiram um rendimento satisfatório. Na primeira etapa, o equivalente a um bimestre, dos 34 alunos, apenas 8 foram reprovados. O que resulta um aproveitamento de, aproximadamente, 75% de alunos aprovados. Resultado considerado bom pela professora titular.

Ter trabalhado com esta turma foi muito gratificante, pois pude colocar em prática todos os conhecimentos adquiridos durante o curso de graduação. Pude perceber, também, que nem sempre os alunos estão interessados em aprender. Eles estão, em alguns momentos, em salas de aula apenas por obrigação ou porque os pais querem que estejam ali.

Embora os alunos estivessem, às vezes, desmotivados, nunca deixei de acreditar no potencial de cada um. Tentei sempre buscar o melhor, incentivando e conversando sobre a profissão que eles estavam escolhendo naquele momento.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**OS ESTÁGIOS CURRICULARES NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES:  
HISTÓRIAS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE**

Porém, hoje sei que nada é perfeito. Tenho plena certeza de que poderia ter feito um trabalho melhor com estes educandos, mas naquele momento o conhecimento que dispunha foi colocado em prática da melhor forma possível. Acredito que se este estágio fosse realizado atualmente, seria totalmente diferente, buscaria aplicar os conhecimentos técnicos da matemática aos saberes da prática, de preferência os relacionados ao curso que eles escolheram.

## **6. ANÁLISE DAS NARRATIVAS DE VIDA**

Os relatos que apresentamos permitiram que os professores de matemática, através da elaboração de suas histórias de vida, refletissem a respeito da importância do período de estágio em sua formação. Diversos aspectos sobre os saberes de experiência mostraram-se como determinantes na constituição do perfil dos futuros professores.

Em diversos momentos pudemos observar a busca pela construção da identidade e do tornar-se professor. Ao permitirem-se atuar na sala de aula, os estagiários concretizaram-se na escolha da profissão e elaboraram mais profundamente a sua visão do que é ser professor.

É possível perceber o despertar de certa consciência do inacabamento. Os relatos mostram que os estagiários dão-se conta de que a profissão exige estudo constante e formação continuada. Eles desconstruem a ideia de que o curso de graduação, principalmente em sua parte teórica, é a exigência para o exercício da função docente. Os saberes de experiência são mais valorizados ao mesmo tempo em que escancara as deficiências dos cursos de formação. Dois aspectos cabem ser destacados. O primeiro refere-se à carência de concepção teórica e mesmo metodológica é uma constante. Os estagiários chegaram às salas de aula sem saber muito claramente como proceder. O segundo aspecto a ser observado trata do conteúdo de matemática. Os relatos afirmam que durante o curso de graduação foram vistos conteúdos muito complexos da matemática. Todavia, os conteúdos de educação básica foram abordados superficialmente. A fala dos estagiários mostra que o avanço em complexidade dos conteúdos matemáticos não garantiu confiança para o trabalho dos assuntos elementares que são articulados na escola.

Em contrapartida, os estagiários têm a percepção de que foram muito cobrados em relação aos documentos. Tiveram de apresentar de maneira rigorosamente formal os planos de aula e planejamento. Em contraste, alegam que nem sabiam da existência de um projeto político-



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**OS ESTÁGIOS CURRICULARES NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES:  
HISTÓRIAS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE**

pedagógico na escola. Face às demandas de cunho metodológico e da ânsia de dominar o saber-fazer, os professores estagiários encaram os documentos escolares como empecilhos para sua prática, bem como algo sem sentido e significado.

O papel do professor titular da turma traz uma impressão interessante. Nos casos estudados, os professores regulares da escola praticamente não interferiram nas atividades dos estagiários. Resumiram-se a repassar os trabalhos burocráticos que deveriam ser realizados e a quantidade de avaliações. Entretanto, essa atitude é vista como positiva pelos estagiários, pois se viram livres para trabalharem com os alunos. Dizem que se sentiram a vontade e acolhidos por esses professores. Esta afirmação cai por terra à ideia de que o estagiário precisa ser submetido a uma orientação em tutela entre o professor supervisor da universidade e o professor da escola. Ainda que, aparentemente, acreditemos que o professor incipiente precisa de todo o apoio e atenção, os relatos apresentados questionam essa possibilidade e sugerem reflexão mais apurada sobre isto.

Cabe destacar que, como Tardif (2002) e Cunha (2006) já observaram, as experiências de outros professores marcaram a prática realizada pelos estagiários. As experiências de vida enquanto alunos marcaram muito os relatos. Um dos estagiários conta usar uma metodologia de atribuir avaliação ao caderno de aula por ter sido submetido a essa abordagem quando estava no Ensino Médio e ter visto como algo importante.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estágio tem se configurado como um elemento fundamental e de grande importância nos cursos de formação de professores. Dada a mudança de perfil, do professor que já exercia função em escola para o licenciando que procura habilitação para inserir-se no mundo da educação, a faixa etária dos estagiários não é muito distante da dos alunos de Ensino Médio. Os relatos apontam essa particularidade com receio. Os estagiários temem como serão visto pelos alunos: se serão respeitados e identificados como professor. O estagiário que se introduz na sala de aula pela primeira vez traz consigo muitas apreensões de como será tratado e como deve tratar os alunos. Palavras como respeito, autoridade, etc. aparecem nos relatos em frases que mostram o perfil almejado pelos estagiários na constituição da sua professoralidade.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**OS ESTÁGIOS CURRICULARES NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES:  
HISTÓRIAS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE**

Cabe destacar que os relatores parecem ter noção de que os estágios tratam-se ainda de um período de formação. Eles não carregam maiores frustrações sobre o seu desempenho. Parecem utilizar-se de seus equívocos de maneira muito positiva: preocupados em não repetir os mesmos erros. Podemos concluir que os saberes de experiência durante o estágio dos casos relatados se mostraram como um ponto nevrálgico da constituição da identidade docente e revela a importância das práticas de ensino nos cursos de formação.

Os relatos fornecem indicadores para os professores universitários. Eles mostram as impressões de quem está submetido a esse procedimento de estágio. Por fim, a consciência do inacabamento que surge durante o período do estágio promove a possibilidade de que estes futuros docentes enxerguem a formação continuada como um mecanismo essencial para o exercício da função docente.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CHIZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

CUNHA, M. I. **O bom professor e sua prática**. São Paulo: Papirus, 2006.

FREIRE, Ana Maria. **Concepções orientadoras do processo de aprendizagem do ensino nos estágios pedagógicos**. Colóquio: modelos e práticas de formação inicial de professores, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa. Lisboa, Portugal, 2001.

JOSSO, Marie-Christine. **História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos**. Educ. Pesqui. v. 25, n. 2 São Paulo: jul./dez. 1999.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **A hora da prática: reflexões sobre o estágio supervisionado e ação docente**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PINEAU, Gaston. **As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial**. Educ. Pesqui. v. 32 n. 2 São Paulo: maio/ago. 2006.

SILVA, J. A. **O professor pesquisador e a liberdade do pensamento**. IN: BECKER, F. e MARQUES, T. **Ser professor é ser pesquisador** (pp. 63-74). Porto Alegre: Mediação, 2007.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**OS ESTÁGIOS CURRICULARES NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES:  
HISTÓRIAS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE**

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. **Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?)**. Revista Esc Enferm USP 37(2), 2003.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.